3.º ANNO — Quinta-feira, 6 de Outubro de 1910 — NUMERO 138

O DEMOCRATA

Orgão do Partido Republicano no districto de Aveiro

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)
Anno (Portugal e colonias) . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brazil (anno) moeda forte . . . . . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR — ARNALDO RIBEIRO
(*)
Propriedade da Empreza do DEMOCRATA
Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo

ANNUNCIOS
Por linha. . . . . 40 réis
Communicados . . . . 20 réis
Annuncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

DR. MIGUEL BOMBARDA

A morte tragica do eminente homem de sciencia, insigne propagandista das ideias liberaes e deputado republicano eleito pela capital—Protestos vehementes—Nas ruas de Lisboa: sublevação militar—Pela Liberdade contra a reacção; pela Republica contra a monarchia!

Na segunda-feira, á tarde, o telegrapho transmitia ao paiz a terrivel noticia do assassinato do eminente homem de sciencia e director do hospital de Rilhafolles, em Lisboa, dr. Miguel Bombarda.

Um ex-internado de Rilhafolles, tenente de infanteria 1, Apparicio dos Santos, entra no consultorio do hospital onde o illustre psychiatra trabalhava e, abruptamente, assassina-o disparando-lhe á queima roupa quasi, tres tiros de pistola *Browining*

N'esta hora suprema, quando a patria agonisando, estrangulada e cachetica, ás mãos rapaces das quadrilhas do regimen, necessita e clama imperiosamente por todas as energias dos seus filhos que possam e devam accorrer a salval-a d'uma morte ignominiosa, a inocular-lhe o sopro vivificante que integral-a venha na corrente luminosa e calma das nações modernas, a desapparição do dr. Miguel Bombarda representa uma verdadeira perda nacional.

Mas, se em qualquer conjunctura, a sua morte natural nos perturbaria e commovia, a asu desapparição, brusca e tragica, convulsiona todas as almas boas, crispa n'um rictus de desespero a ancia de muitas boccas insofridas que pódem vêr nas balas traiçoeiras que o anniquillaram, não o gesto irresponsavel d'um doido, mas a mão sugestionada, ou armada por uma quadrilha que, atravez de todos os tempos, tem conservado atavicamente o espirito canalha de assassino.

Cerebração d'uma assombrosa complexidade, a sua actividade exerceu-se profu samente já como professor, na Escola Medica de Lisboa, já como escriptor, deixando a litteratura medica enriquecida com volumes scientificos de comprovado merito, já em conferencias numerosas e na redacção e direcção da *Medicina Contemporanea*, jornal que ha 27 annos fundou. Escriptor d'uma inconcussa probidade scientifica, deixou trabalhos que, lá fóra, lhe havia grangeado reputação universal. E, de facto, entre nós era considerado, com justiça, o primeiro psychiatra, sendo ouvido e a sua opinião acatada todas as vezes que questões dificeis reclamavam um criterio superior.

Homem estudioso, d'uma facil assimilação cerebral, o seu caracter, probo e perfeito, formou-se na tepidez cariciosa dos livros n'uma convivencia estreita de largos annos. Amealhando conhecimentos, estudando sempre, o seu espirito pogressivo tomou a feição propria, accentuadamente liberal. A *Consciencia e Livre Arbitrio*, a *Sciencia e Jesuitismo*, surgiram e logo a cafila negra arreganhou a dentuça cariada, aggressivamente, tentando mordêl-o. Correm por hi, impressas, algumas tentativas de refutação respostas clericaes a esses livros, mas o dr. Bombarda lealmente, desassombradamente, sahia-lhe logo á frente e, com toda a destreza, e correcção, desfazia a matilha, que fugia espavorida aos golpes certeiros que em nome da sciencia, impiedosamente, sobre elles despedia. A reacção dispersava, é certo, mas para se agachar, não perdoando nem desarmando, todavia. Na alfurja, lobrega e sombria, enrosca-se, finge dormitar, mas espreita sempre.

Foi sempre assim; vive na treva, odiando a luz.

O dr. Bombarda evangelisava a verdade scientifica e lucidamente, a expunha sem recear nem temer ataques. Dictava a verdade n'um desassombro de fanatico tentando abrir ascuas de luz nos cerebros obscurecidos pelo erro.

Mas a reacção religiosa recrudescia a olhos vistos nos ataques á Liberdade e, então, n'um movimento sincero e heroico, o dr. Bombarda abandona a vida de gabinete a que até ahi inteiramente se entregava e veio á praça publica expôr a verdade tal qual a sciencia lh'a mostrava.

Odiaram-n'o, d'esde ahi, ostensivamente, os clericaes.

Atacaram-n'o, calumniaram-n'o, insultaram-n'o.

Pouco lhes importava o livro; não os prejudicaria grandemente; felizmente para elles, o povo não sabe ler. Mas na praça, nos comicios, nas conferencias, com o seu assombroso e communicativo poder de dicção, moldando-se facilmente á altura scientifica e á percepção facil do auditorio, Miguel Bombarda era temivel. Transfigurava-se, rompiam-lhe em catadupas os argumentos promptos e incisivos, era um apostolo na fé e no calor da sua evangelisação.

Perigoso e temivel inimigo, porém, porque falla a lingua da verdade e a verdade é incorruptivel e eterna. Quanto mais se expõe á luz, mais brilha e offusca, mais as suas arestas, brilhando, seduzem e arrastam.

Membro da *Junta Liberal*, promoveu e dirigiu essa manifestação anti-clerical, grandiosa, que atravessou as ruas de Lisboa, em 2 de agosto de 1909, em que mais de cem mil pessoas, n'um cortejo imponente e magestoso, pediam ao parlamento a revogação do decreto de Hintze e a execução immediata das leis de Pombal e Aguiar. Foi um acontecimento surprehendente pela gravidade e correcção dos manifestantes, pela ordem e compostura d'aquella collossal onda humana. Tudo pasmou de assombro; os clericaes intoxicaram-se profundamente pelo odio. Tinha sido o Miguel Bombarda o iniciador d'aquelle movimento anti-clerical; a elle odiaram mais entranhadamente.

Na sua ascensão progressiva e gradual para a luz, o seu espirito de patriota, reconheceu que, exgotados todos os recursos, a monarchia, tal como ahi se conserva, era nociva aos interesses e á vida do paiz, e, então, declarou-se republicano. N'esta ultima phase da sua vida, como tribuno democrata e anti-clerical, a sua energia e actividade, a sua elasticidade polymorpha em conferencias e comicios, pela palavra e pela escripta, foi d'uma fecundidade magestosa.

Espantava como uma organisação, apparentemente um pouco franzina, supportava tanta fadiga, sempre prompto para recomeçar intrepidamente no dia seguinte.

Na immundicie das suas gazetas, a canalha clerical não o poupava n'uma guerra sem tregua, cubrindo-o de improperios. Vergalhando-os, cortando-lhes as carnes com golpes certeiros para todos os lados, não afrouxava, não parava um instante, seguindo sempre ovante.

E n'um momento, na sua carreira pelo Bem, pela Justiça e pela Liberdade, trez ballas assassinas de pistola aniquillam-lhe o passo seguro e firme. Miguel Bombarda cae morto; a matilha clerical exulta. Nos antros sebentos e sujos, a horda de canibaes da companhia de jesus, esfrega as mãos, satisfeita.

De facto, é extraordinario que, sendo director de Rilhafolles ha dezoito annos, só os doidos o perseguissem e tentassem matar depois que a sua vida era toda anti-clerical e republicana. Por certo o envenenamento d'essas almas fracas maleaveis n'um sentido dado, é que produziu esta catastrophe.

A reacção politica religiosa servindo-sé dos meios mais infames, mas que, para a consecussão dos seus fins, todos são bons, armou por certo o braço que o-matou. Foi a monarchia clerical e vesga que disparou as ballas assassinas. Morreu ás mãos desleaes e impuras do inimigo. Atacou-o, é certo, Miguel Bombarda, lealmente, a peito descoberto, a plena luz, e cae, varado na sombra, por um espirito mergulhado na treva que a seita negra, maldita e infame, contra elle destacou.

Mas o dia de vingança parece ter soado.

A' beira da sua campa, descobertos, compungidos, nos curvamos hoje emquanto os nossos irmãos em crenças se batem denodadamente pela redempção da Patria.

Que descance em paz o modelar cidadão, modelo de virtudes civicas e inconfundivel homem de sciencia.

O attentado

Quem é o assassino—Ultimos momentos

O dr. Miguel Bombarda illustre homem de sciencia conhecido e admirado em toda a parte pelo seu erudito saber, espirito elevado pela grandeza de concepção dos seus deveres civicos, director do hospital de Rilhafolles, manicomio onde estive, em tempos, o desgraçado que lhe roubou a existencia, foi na segunda-feira ultima, procurado, cêrca do meio dia, pelo tenente d'estado maior, Apparicio Rebello dos Santos, no seu escriptorio n'aquelle edificio e sem que sequer respondesse á saudação que lhe dirigia o sabio professor, contra este disparou tres tiros de pistola, que mortalmente o feriram.

Subjugado o assassino pelos empregados, que rapidamente acudiram, o ferido, com uma coragem inegualavel, recomenda que encerrem devidamente o seu aggressor e declara que precisa ir ao hospital de S. José para onde segue no mesmo trem que conduzira o allucinado auctor da horrorosa tragedia.

A entrada e descida do carro fal-a o dr. Bombarda pelo seu pé, cheio sempre d'uma coragem extraordinaria e surprehendente, chamando pelo respectivo enfermeiro e indicando o nome dos medicos e mais pessoas amigas com quem desejava fallar.

Acudindo diversos medicos e feita a operação para a realisação da qual ainda o ferido por si se despira, mandando queimar uma carta e dando destino a outros papeis, possuido sempre da maxima coragem, reconhece-se a absoluta impossibilidade de o salvar e a morte, que se avisinhava implacavel e tremenda, lá callou para sempre, com a sua algidez funeria, os labios que tantas vezes pronunciaram tão bellas palavras, traduzindo sempre elevados pensamentos e doutrinas, sem que elle, até ao ultimo momento, deixasse de fallar a quantos o cercavam, no leito da sua tremenda agonia, na patria que sempre lhe foi querida e na sua libertação pela Republica, declarando que queria ser sepultado civilmente.

Poucos momentos depois das seis horas da tarde, evolava-se esse grande espirito e do dr. Miguel Bombarda só restava a materia inerte e fria, sobre a qual cahiam lagrimas ardentes como fogo, ungidas pela dôr e pela saudade mais viva e mais intensa!

Algumas notas biographicas

O dr. Bombarda nasceu no Rio de Janeiro a 6 de março de 1851, contando por tanto 59 annos. Viéra do Brazil para Portugal aos 7 annos, naturalisando-se aos dezoito annos portuguez.

Estudante sempre distincto, entrou para a Escola Medica em 1877, e dos seus apreciabilissimos trabalhos e demonstração do seu grande saber, resultou a posse da sua cadeira de phisiologia denunciando sempre o seu valor especialmente apoz a sua nomeação de director do hospital dos alienados.

Não se limitava apenas á clinica e ao professorado o homem illustre, cuja morte deploramos.

Era, ha 27 annos, director do jornal scientifico *Medicina Contemporanea*, publicando diversos apreciabilissimos trabalhos que levantaram apaixonadas discussões, especialmente o celebre livro *Consciencia e Livre Arbitrio*, que provocou uma serie d'artigos no jornal catolico *Correio Nacional* refutando-os brilhantemente o dr. Bombarda, tanto na imprensa, como no seu livro *Sciencia e Jesuitismo* que, áparte o seu valor scientifico, é um libello formidavel contra os jesuitas.

Publicou diversos e importantes trabalhos sobre a sua especialidade distinguindo-se de forma, especialmente quando abriu um curso livre de psychologia, que tanta guerra levantou na imprensa reaccionaria, que esta e os seus adeptos, principiaram a vêr no dr. Bombarda. um adversario para temer.

E, como cidadão e ardente defensor das ideias liberaes, evidenciando-se com todo o brilhantismo um livre pensador, tornou-se em todos os campos, na imprensa, na tribuna, no parlamento e no comicio, o inimigo implacavel da acção clerical em qualquer das suas manifestações.

Quando do caso *Calmon* que originou a grande agitação anti-clerical em 1901, o dr. Bombarda fundou com outros elementos a *Junta Liberal*, que, passado o periodo que se segue ao decreto de 18 d'abril, reappareceu o anno passado para a lucta contra a audacia reaccionaria, promovendo a grandiosa manifestação de 2 de Agosto, que foi pedir ao parlamento a applicação das leis liberaes contra as congregações religiosas.

Infatigavel, luctador por indole, patriota em extremo, suppondo ainda a possibidade d'um resurgimento da patria dentro do regimen, acceitou um logar no parlamento, como deputado pelo circulo de Aveiro, na situação Ferreira do Amaral.

Com o decorrer, porém, dos acontecimentos, perdida a derredeira esperança, harmonisando as suas ideias na verdade dos seus actos, declarou-se republicano, sendo eleito deputado por Lisboa no dia 28 d'Agosto findo.

Trinta e cinco dias depois e apoz outras tentativas, conseguiram matal-o, eliminando uma das vidas mais preciosas no campo da sciencia, da verdade e do patriotismo. E estendido, sereno, com o sorriso do homem que absorveu por absoluto no culto d'um ideal supremo, sem uma palavra d'odio nem de queixume, vae dizendo:

Morrer assim é uma tolice.

Morrer combatendo, morrer pela Republica, isso comprehende-se e eu nada mais ambicionava.

Morrer por este povo!

Fazêr bem a esta pobre terra! Mas assim...

E as suas mãos apertavam as dos amigos... pela derradeira vez.

Depois da tragedia

A população de Lisboa manifesta-se nas ruas soltando vivas á Liberdade—Varios regimentos fazendo causa commum com o povo—A marinha de guerra hasteando a bandeira republicana—Em plena revolução!

O som lugubre d'esta tragedia eccoára dolorosa e profundamente em Lisboa e por todo o paiz.

N'aquella cidade, aos primeiros alvores da madrugada, desenhou-se nitidamente um movimento revolucionario, adherindo todas as forças navaes e algumas terrestres, entre as quaes infanteria 16 e artilheria 1, com o appoio do elemento popular.

O córte do telegrapho e das communicações ferro viarias, isolando Lisboa, collocaram-nos fóra da possibilidade de conhecer, com verdade, os detalhes do que se passa.

Que se trava uma lucta san-

grenta, cercada de todos os boatos que a phantasia engendrá, e da qual não ha nada conhecido de positivo até á hora que escrevemos, que nos permitta, ao menos, fazer uma simples supposição, approximada da verdade, é, sem duvida nenhuma, um facto, a esta hora, já de bem dolorosas consequencias para os que tem dado a vida em holocausto ao seu ideal e ás suas convicções.

O que vingará de mais n'esta tragedia que os erros persistentes d'um malfadado regimen e a cegueira nefasta dos seus homens, vem d'accumular d'ha tantos annos, com o abandono e prompto esquecimento da negregada tragedia de 1 de fevereiro, no Terreiro do Paço?

Que um sol de Liberdade e auréola da paz aqueça e illumine este atormentado paiz, ha tanto e tão duramente experimentado nas mãos dos seus algozes.

Que o triumpho seja da Liberdade e da Democracia, são os nossos ardentes votos.

PELA VERDADE

Esclarecendo um acto de heroismo—Abaixo a politiquice!

Com tudo se explora e as coisas mais sérias e graves se aproveitam, para fazer a réles e baixa *politiquice*, como agora succede, no tristissimo caso da Costa Nova, onde ia perdendo a vida, o sr. José Teixeira, nosso conterraneo e bom moço, trabalhador e honesto, quando n'uma manhã qualquer, tomando banho no mar, se afastou de mais, sendo arrastado pela corrente.

O Progresso d'Aveiro, com aquelle feitio que lhe é muito peculiar, porque refére a pessoa d'um amigo politico e caseiro, affirma peremptoriamente que *é ao sr. Jeremias Vicente Ferreira, cabo de mar da capitania do nosso porto, a quem o sr. José Teixeira deve a vida.*

Pois é absolutamente falsa tal affirmativa.

Falsissima!

O sr. Jeremias Vicente Ferreira, com o maior denodo e boa vontade, que muito o enobrecem, fez tentativas diversas, assim como, Manoel dos Santos Malaquias, Vicente e Jacintho Maria Rodrigues e Manoel Marques Damas, que juntos com o sr. Jeremias, nunca desampararam o sr. Teixeira, que apezar de tudo seria fatalmente victima se a indomita coragem de José Pio, o *Ricóca*, que, pondo de parte *o que manda a regra*, e que tanto preoccupou o sr. Jeremias, como diz o *Progresso*, **foi buscar debaixo das ondas quando da ultima vez havia ido ao fundo, trazendo-o ao de cimo, seguro por baixo dos braços,** o sr. Teixeira.

E' isto que nos diz o proprio sr. José Teixeira, accrescentando que ao lado do *Ricóca* podemos e devemos collocar Antonio Agostinho Portugal, o *Patanéco*, portador do salva vidas e auxiliar denodado e valente do *Ricóca*, no salvamento e conducção do sr. Teixeira.

Não amesquinha o sr. Teixeira os outros individuos, que tão cheios de decidida boa vontade se esforçaram para o seu salvamento, estando n'este caso o sr. Jeremias e outros; mas a verdade é que apesar de todas as suas tentativas, foram ellas infelizes e inuteis absolutamente e tanto que, apezar de todos esses esforços, submerge-se pela ultima vez o sr. Teixeira, já quasi de todo asphixiado e inerte, sendo arrancado á sua submersão pelo braço vigoroso do *Ricóca*, que, diz-nos ainda o sr. Teixeira, *é impossivel descrever a maneira e a agilidade com que o fez.*

As nossas palavras não envolvem ideia de querer amesquinhar nem diminuir o concurso e o esforço de todos quantos de qualquer forma tentaram soccorrer, embora sem resultado pratico, o sr. Teixeira, em tão angustiosa situação. Não querem ellas empallidecer a attitude do sr. Jeremias Ferreira, em tão doloroso transe, o que sómente muito o nobilita; mas a verdade acima de tudo e aos que são os verdadeiros heroes, pela sua maior felicidade ou coragem, sem se preoccuparem com os *preceitos da regra*, ou ainda por qualquer motivo, a esses queremos nós, como é da maxima justiça, ou seja um banqueiro ou simplesmente um banheiro, um fidalgo ou um plebeu, distinguil-os e eleval-os, bemdizendo-os como merecedores de tal distinção.

Se o sr. Jeremias Ferreira, estivesse absolutamente n'esta situação, no caso presente, não seriamos nós, por principio nenhum, que não estivessemos ao seu lado restabelecendo a verdade.

Os salvadores, aquelles que de facto restituiram á vida, arrancando-o já submerso, das ondas, o sr. José Teixeira, são, em primeiro logar, José Pio, o *Ricóca*, e Antonio Agostinho Portugal, o *Patanéco*, indicação dada pelo proprio sr. Teixeira, pessoa que, melhor do que ninguem, com mais certeza, o poderá fazer, não esquecendo os individuos que se esforçaram para conseguil-o sem resultado, e ainda o sr. Eduardo Rocha e Arthur Rasoilo do Sacramento, que, em terra, empregaram os maximos esforços para reanimar o sr. Teixeira, de todo despallecido e semi-morto, pela lucta que teve de sustentar com as ondas.

Ao sr. Teixeira, aos seus dois salvadores e a todos quantos prestaram o seu auxilio e se esforçaram para o seu salvamento, o *Democrata* sauda-os com todo o enthusiasmo, destacando, como merecem, pelo denodo e coragem que demonstraram, em prol do seu semelhante, sem se preoccuparem com as *regras*, os dois humildes filhos do povo José Pio e Antonio Agostinho Portugal, para quem vae tambem, n'este momento, toda a nossa admiração, toda a nossa sympathia.

Honra aos dois bravos homens do mar que bem merecem a distinção a que tem incontestavel direito.

TELEGRAMMAS

Depois que se soube aqui da morte do dr. Miguel Bombarda, foram enviados para Lisboa os seguintes telegrammas:

Directorio Republicano
Lisboa

A redacção do *Democrata* lamenta profundamente o tragico fim do grande liberal e valoroso republicano, dr. Miguel Bonbarda, e envia sentidos pezames.

(a) *Arnaldo Ribeiro*

* * *

Dr. João de Menezes—Deputado
Lisboa

Commissão Municipal e Centro eleitoral Republicano rogam-vos apresenteis nossos cumprimentos de pezames familia glorioso liberal, que foi Miguel Bombarda.

* * *

Directorio Republicano
Lisboa

Republicanos d'Aveiro enviam sentidas condolencias pelo barbaro assassinato de que foi victima o illustre homem de sciencia e livre pensador dr. Miguel Bombarda, fazendo votos que por breve seja condignamente desafrontado tão nefando crime.

Dr. Cunha Coelho, Rosa d'Aprezentação Paulino, Bernardo de Souza Torres, Manuel Barreiros de Macedo, Manuel Rodrigues Paula Graça, Francisco de Mattos Junior, Adriano da Rocha, Mario Arroja, Francisco Augusto Sarabando, José Pinheiro Palpista, José de Pinho, Manuel Silva, José Rodrigues Jeronymo, José Migueis Picado, Antonio Rodrigues Modesto, Joaquim Fernandes Martins, Monuel da Graça Paula, Antonio Cruz Bento Junior, João Cruz Bento, Eliziario Dias Moreira, Eduardo de Pinho das Neves, Luiz Leitão, Ricardo da Cruz Bento, Pompeu Augusto Duarte, Fernando da Cruz Moreira, Antonio Simões Amaro, João Maria da Naia Graça, Ernesto da Maia, João de Moraes Gamellas, Francisco Casimiro da Silva, Manuel Lopes Guimarães, Antonio Maria Ferreira, Alfredo Lima Castro, Dr. Antonio Marques da Costa, Jayme Cunha Coelho, Domingos Francisco Coelho, Gaudencio Pinto Affonso, José Marques Soares, Francisco da Silva Castro, Belmiro de Freitas, Anthero dos Santos da Benta, José da Costa Monteiro, Elmano da Cunha e Costa, Alfredo Ozorio, Alberto Affonso, Adelino Costa, Antonio de Pinho, Antonio Coelho, D. Francisco de Tavarede, Jorge Thomaz da Cunha, Izaias Telles, Carlos Migueis Picado, Joaquim Ferreira d'Oliveira, Antonio Garcia, Manuel da Costa Ferro, Henrique Norberto Brito, João Pinto de Miranda, Francisco Migueis Picado, Eduardo Trindade, José Pedro Ferreira, Mazanielo Cordeiro, José Augusto, João de Deus Marques, Manuel Augusto da Silva, Antonio Augusto da Silva, Antonio Augusto da Silva, Jorgé Pereira da Silva, Antonio Pereira Campos, Sebastião da Trindade Salgueiro, João Telles, Mario Telles, Pompilio Ratolla, Manuel Vicente Ferreira, Jayme Marques de Carvalho, Manuel Augusto Sarabando, Ruy da Cunha e Costa, Angelo da Silva Padua, Santos Lé, Luiz Antonio, Antonio Marques d'Almeida, José Marques d'Almeida, José Gonçalves Andias, Luiz Rodrigues Graça, Antonio Rodrigues Pinto, Alfredo José da Fonseca, Manuel de Mattos Junior, Luiz Valente da Costa, João dos Santos Gamellas, Eugenio Costa, Firminio Soares dos Reis, Jeremias Marcos de Carvalho, Antonio Alves Videira, João Mendes da Costa, Domingos João dos Reis Junior, Arthur Reis, Theophilo João dos Reis, José Maria Paulino, Hermenegildo Duarte, Arnaldo Ribeiro, Narciso dos Santos Silva, João Maria Migueis Picado, Izaias Ferreira da Costa, Manuel Migueis Picado, Alfredo Maria Barreto, Antonio Serafim, Miguel Marques Soares, Bento Ferreira Martins, João de Mattos Junior, Manoel dos Reis Cabaco, Lourenço de Mattos, Augusto Marques d'Almeida, Alfredo Maria dos Santos Freire, Manoel Rodrigues da Graça Junior, Nephetali Duarte, Orlando Nunes dos Santos, Antonio G. Branco, Amadeu da Costa Pereira, Francisco Augusto Duarte, Pedro da Costa Pirré, Antonio Nunes de Mattos, Domingos Ferreira Patacão Junior.

JASUITAS

Como complemento da transcripção feita no nosso penultimo numero, sobre a opinião d'esse sacripanta, que por muito conhecido se não confronta, e que actualmente vive, para vergonha d'esta terra, no bairro d'Arnellas, onde todos os sabbados despeja o receptaculo immundo dos seus doestos, injurias e contradições, apanagio exclusivo do repugnante discolo, do asqueroso bandalho e glorificado cabrão,—unico, d'estas redondezas mais proximas; como complemento, diziamos, trasladamos um novo artigo, escripto por o traidor, antes da sua compra pela reacção monarchica clerical, que elle dentro da verdade, rigorosamente historica, com tanto brilhantismo e fingido calor, combateu já, assim preparando o preço da venda, dando-lhe mais valor, como quem retoca e embelleza um objecto, para melhor parecer á vista.

Quanto mais fosse o avanço, tanto mais importante o recuo.

O faccinora, friamente calculára tudo e justou a venda do seu passado, da sua fé politica, em todos os campos demonstrado, do seu nome, da sua honra, como nós podemos justar a compra d'um porco em qualquer mercado.

Conquistára a reacção o seu inimigo? Não. O maximo conquistado por ella, foi o anniquillamento d'aquelle, que tinha, no campo da justiça e da democracia, tanto de grande, como passou a ter de repugnante pequenez, na pósse dos seus novos alliados.

A retratação, a apostasia, não ennobrecem; deslustram, desauctorisam, amesquinham, desqualificam.

A defeza, da reacção por esse energumeno é infructifera, é nulla—provando só a sua infamia, e causando apenas, ás almas mais compassivas dó—ás mais energicas—nojo.

Segue o artigo:

. . . .

«O sr. Luiz de Magalhães renegou todas as tradições de seu pae, por fidalguia.

Tem orgulho em ser filho de José Estevam, porque José Estevam é um *brazão*.

O sr. Luiz de Magalhães não o conhece, nem o respeita, nem o estima, nem se orgulha d'elle senão como um *brazão*. Fóra d'isso detesta-o. Nos seus habitos, nas suas relações e affirmações, o filho desmente completamente o pae.

Repudia-o até. Sente-se no homem amigo e partidario de João Franco, o inimigo instintivo do homem que proferiu o discurso sobre o *projecto da constituição*, sobre o *Porto Pireu*, sobre a *suspensão das garantias*, sobre o *Charles et George*, sobre as *irmãs da Caridade*, sobre as *exequias do Conde Cavour*, sobre a *liberdade d'ensino* e sua defeza do *Portugal Velho*. José Estevam foi um homem coherente, em todos os seus actos e palavras. Desde o primeiro até o ultimo discurso é sempre o defensor da liberdade, da soberania popular, das conquistas democraticas.

Defende os seus principios com a palavra, com a penna, com a espada. Sempre. Sem hesitações, sem desmaiar.

Isto repugna tanto ao filho, que lança sobre o pae a insinuação d'especulador!

O pae não combateu as irmãs da caridade por amor da liberdade; foi por *conveniencias politicas!*

Mas aquillo foi o fructo natural, o producto instinctivo da aversão que elle tem pelo lado moral do pae. Repugna-lhe, ao fidalgo, o revolucionario companheiro do pé descalço.

Acceita-lhe o nome e d'elle se gloría. Por *fas* ou por *nefas*, o revolucionario foi um ascendente. Constituiu um brazão. O fidalgo entronca a aristocracia n'este ascendente e cunha o brazão nos pergaminhos.

E fecha os olhos para engulir o resto como quem engole um copo d'agua salgada.

Em tudo e por tudo o espirito fidalgo d'esta terra, d'uma fidalguia *arrebentada!*

Que nós nunca tivemos grandes fidalgos. O typo do nosso fidalgo era o morgado. Typo genuinamente nacional: mandrião e pulha.

Na historia ingleza, franceza, allemã, encontra-se bastantes vezes o fidalgo associado a grandes aspirações nacionaes. O nosso fidalgo foi sempre salteador e pulha.

Algumas vezes foi talentoso sem deixar de ser pulha. Raras vezes foi valente e honesto, mas nunca defensor audaz d'uma ideia liberal.

Batia-se em Diu como um heroe e vendia a patria aos hespanhoes, e vendia-se elle proprio como um biltre.

Quando ia á India e á Africa ia como um salteador e não como um patriota. A sua mira não era a gloria nem a religião: era o roubo!

Ora é esse ainda o espirito fidalgo da actualidade.

O morgado era um mandrião devasso e inutil. Alegrias d'espirito não as tinha. Só conhecia as do corpo. Boa meza, boa cama, bom vinho, boas mulheres, touros, caçadas e era tudo. Da religião admittia todos os absurdos e todas as monstruosidades já porque era moral e intellectualmente incapaz de se revoltar contra elles, já porque não pretendia outra cousa senão o regabofe da vida eterna.

Pandega na terra e pandega no ceu. A religião podia matar, torturar, infamar que para o morgado era tudo indifferente desde que n'esta vida e na outra tivesse jogo, vinho, mulheres, cães, toiros e cavallos.

. . . .

O fidalgo portuguez era uma besta, era um porco.

Ora as fidalguias actuaes são precisamente do mesmo genero. Todos nós comprehendiamos habitos e costumes fidalgos com expansões de intelligencia e de espirito, com revoltas de caracter, com esse sainete intellectual e moral que destingue o homem do bruto.

Mas isso falta absolutamente entre nós. Em Portugal todos são fidalgos, ser fidalgo é a mania de toda a gente, mas fidalgo cuja fidalguia se resume em ser do *bom tom*, fidalgo de tradição, *á moda antiga!*

. . . .

Todos estes nossos politicos, todos estes nossos escriptores, engraxadinhos, correctinhos, aprumadinhos, são pelintras, são reles. E quando não são assim cabem n'uma garotice de Marianno de Carvalho, que nem por fazer as delicias d'esta sociedade de galopins eleiçoeiros deixa de constituir, no fundo, a mesma pelintrice.

Por qualquer lado, a fidalguia acanhada ou pulha do morgado.

. . . .»

E não será este sevandija um digno émulo do fidalgo—*vendendo-se, elle propria, como um biltre?*

Ao sr. director do correio

Queixa-se-nos um assignante de Villar de que é raro receber com regularidade este jornal devido á auzencia do encarregado da caixa, que quasi nunca está em casa para entregar a correspondencia.

Para o caso chamamos a attenção do sr. director do correio lembrando-lhe ao mesmo tempo a conveniencia de a caixa ser collocada, de preferencia, n'um estabelecimento do logar.

O DR. VIEIRA, CÁ DENTRO

Uma "interview,,

(Continuação)

25$000 réis! Pois apezar de viver remediado, de ter mesmo com que passar, sem vergonha do mundo, não serão elles um bom auxilio, quando mais não seja, para o meu sobrinho e afilhado a quem trago nos estudos?

N'esta altura o nosso dialogo é interrompido por uma algazarra que se manifesta n'uma taberna proxima—paredes meias com a residencia do *sr. doutor*. Muitas vozes se elevam censurando um determinado individuo que sae, mas que só podémos vêr que usava barba toda, maltratada, cabello grande, um chapeo desordenadamente posto, e os fundilhos das calças muito abaixo da sua natural região... De relance pareceu-nos o *Bé-bes*. Não sabemos se era nem se não.

De dentro chega á porta outro individuo, fulo, talvez o dono do estabelecimento, que exclama: *ao menos respeitem-me quando eu estiver em casa, debaixo das mesmas telhas!...*

Sem ligarmos mais importancia ao caso, que um momento de aguda curiosidade, levára o *doutor* á janella, este, recolhendo, pediu licença e pouco depois trazia um enorme caderno feito de papel de diversas côres e n'elle escreveu o quer que fosse.

N'este natural retrahimento esperamos, quando nos pergunta o nosso intervistado:

—Sabe isto o que é? Nem mais nem menos do que o registo de todos os apontamentos e lembranças de quanto succede na cidade, de importante, escandaloso, incidentes com diversas pessoas e commigo, tudo emfim que occorre, aqui está. Tem-me servido de muito. Nunca ninguem me pede um obsequio, por mais insignificante que seja, que eu, antes da resposta definitiva, não venha rever todas estas indicações, pois muitas vezes cá está a pessoa, apontada no meu livro negro, por qualquer motivo, que pode ser bom ou mau, e assim eu accedo ou não, ao que deseja.

Que prazer eu então sinto, quando me cae na alçada alguem que, julgando esquecida, me tenha feito qualquer couza!...

De muito me tem servido esta *gerigotice*...

Mas... voltando á vacca fria: Depois d'alguns dias de visita pela Escocia, seguimos para Londres. Grande cidade. Espantoso! tudo aquillo! Creanças pequenas, de 2 e 3 annos, fallam inglez com um desembaraço que não calcula!!!... Um verdadeiro assombro!

Fui á cathedral de Westminster. Soberbo. Que orgão, meu amigo, que grandes canudos! E' um instrumento da minha paixão. Foi o que me prendeu a attenção...

N'esta altura ouve-se, em piano correctamente executado, a grande marcha da *Aida*.

Com um gesto de enfado, diz-nos o *doutor*:

—Atormenta-me constantemente a visinha, com esta martellada a todo a hora. Ainda se tocasse a *rosa tyrana, o maxixe*, aquelle fado; *zailari, zailaró*, vá; mas nada, é sempre esta massadoria d'operas, que é uma inferneira sem graça nenhuma...

De Londres seguimos para Paris, para de lá irmos a Bruxellas, vêr a exposição, um dos maiores desejos dos meus companheiros de viagem.

Quando nos apeávamos na gare de Orleans, um homem, correctamente vestido, alto em demasia, *espalduado*, lendo um jornal, exclama: que grande desastre!—e fitando-nos diz: ardeu esta noute a exposição de Bruxellas, ficando consumidas as secções ingleza, franceza, hespanhola e *truca!*

Cahimos das nuvens! A melhor esperança dos meus companheiros estava dissipada: ficaram contrariadissimos! Para mim era indifferente. A minha paixão é visitar uma egreja catholica das nossas. Roma! Roma! Aquelles cardeaes, aquillo tudo! Forte gente e forte poder! Uma das maiores demonstrações do talento de João Franco foi encostar-se ao poder da egreja, ao poder de Roma, que se manifesta em toda a parte e de todas as formas.

E', no meu modo de vêr, a unica força d'este mundo.

Vamos, porém, ao caso. Estivémos em Paris, vendo museus, bibliothecas, acompanhando sempre os meus amigos. O Jayme tambem se encontrou lá com um irmão, um visionario, a prégar por toda a parte, perdendo um tempo precioso e gastando a vastissima intelligencia e prodigiosos conhecimentos atraz de maluqueiras e brios patrioticos...

E' um grande homem, mas lastimo-o. Demais a mais mettido na maçonaria!... Chefe d'essa malta de *pedreiros livres!* Safa!... Antes irmãosinho da confraria de Santa Joanna... Outra coisa bem mais proveitosa e bonita para Deus e para o mundo!... Cem vezes irmão da misericordia...

O meu companheiro *embicou* com um livro, chamado—: *O homem descende do macaco?* donde lia e confrontava, reflectia sobre diversos pontos, tinha exclamações de surpreza pelo bem exposto dos argumentos, dizia-me elle. Uma massada.

—Mas, arriscámos nós: v. ex.ª acredita que se descenda do macaco?...

O *sr. doutor* fica immovel, fitando-nos, com uma fixidez que nos assusta, deixando vêr que no seu excepcional cerebro, ha um choque enorme de diversos pensamentos...

Pouco depois, levantando bruscamente os hombros exclama:

—Eu sei lá! Pelo menos um *homem macaco* appareceu em Lisboa, vindo d'Africa!

Li isso algures. Assim em Torres Novas ou Torres Vedras havia uma *mulher macaca*...

Quem sabe se isto são restos de maior quantia?

Não retorquimos.

Pedindo licença para fumar, junto com a caixa de phosphoros, tirámos do bolso um exemplar do *Diario de Noticias*, e, apoderando-se d'elle, o *sr. doutor*, olha attentamente para um determinado ponto, que acompanhamos, onde se lia:

Assassinio d'um avarento—O espolio

Lima, 15 (Perú).

«Procedendo-se ao inventario dos bens do avarento prestamista Orneta, recentemente assassinado n'esta cidade, foram encontrados um milhão e quinhentas mil libras sterlinas e um caixão de pedras preciosas.»

Com o olhar fixo no tecto, palpebras desmedidamente abertas, pallido, narinas dilatadas, beiços roxos com abundante agglomeração de humidade aos cantos da bocca, tremulo, mãos crispadas, o *dr. Vieira*, solta agora monosyllabos entre os quaes se distinguem: *um milhão!... um caixão! quinhentas mil libras! pedras preciosas! libras sterlinas!...*

E n'um desvanecimento, n'uma ancia de desejo, absolutamente indiscritiveis, erguendo-se, olhar vago, como quem lentamente procura alguma cousa no espaço que o cerca, passando entre a pouca quantidade de cabello os dedos enormes, ossudos e tremulos, diz:

—Que quantidade enorme d'ouro! E mataram-n'o!

Seguindo-se-lhe rapidamente uma reacção violenta, dá passadas largas, apoderado já por uma excitação que contrastava absolutamente com a tranquillidade anterior, e agitado, exhaltado, parando na nossa frente, exclama calorosamente:

—E' a eterna historia, a mesma canalha, os mesmos ladrões por toda a parte!...

O systhema, o mesmo. Quando não podem astuciamente roubar os que tem, matam! E' por isso que eu não empresto cinco reis a ninguem e tambem não tenho em casa uma moeda de cinco...

Se eu tivesse a desventura de me assassinarem para me roubar,

a minha unica consolação seria que roubado ficava o assassino...

Mas é isto, meu amigo, disse-nos elle depois d'uma certa pausa, mais tranquillo—é a ganancia do mundo contra os *infelizes* que tem 10 reis de seu!... Quantas canceiras não representavam esses haveres? Quanto trabalho? O que tenho é consequencia d'uma *herdançasita* que alguns comedores teem tido o desplante de me tentarem explorar, querendo comer-me!... Nada, nada, n'essa não caio eu!...

Sentou-se e nós, percebendo que o encommodava o jornal, de novo o mettemos no bolso, sequestrando-o á vista do *doutor*.

—Se o *doutor* nos permitte, uma pergunta apenas antes de retirarmos...

—Ao seu dispôr, embora *tenhamos conversado os farrapos*...

—V. Ex.ª pode dizer-nos o que viu e sabe, obtido lá fóra, sobre o *606?*

—Ha muito que desappareceu, em mim a *causa* que me poderia levar a obter esse mal, o que eu reputo uma felicidade, diz-nos o *doutor*, n'um tom de absoluta convicção...

Isso agora é para os outros...

—Mas v. ex.ª é novo...

—Pouco passo dos 40; mas já lá se foi e... antes assim...

O *606*, meu amigo, é o resultado d'uma succesão de reacções, que, operando a transformação dos preparados, dá a combinação com as precisas propriedades para actuar sobre o mal...

Temos pois o éther sulphurico, que, atacando o mercurio, precipita-o no ammoniaco, que em partes iguaes, céde á influencia metalloide d'aquelle, para deixal-o confundir com o permaganato de potassa, que ao seu contacto, solidifica! E ahi tem, o meu amigo, em duas palhetadas, o famoso e decantado *606*!...

Simultaneamente erguemo-nos. Profundamente reconhecidos pela extrema amabilidade da recepção, o *doutor*, já sereno, aprumado, com a sua linha de *distincto membro da sociedade d'Aveiro*, apertava e sacudia a mão que lhe estenderamos.

Ao sahirmos, o individuo que nos recebera, sahia tambem, fardado então de policia e o *doutor* n'um gesto verdadeiramente fidalgo acompanha-nos até ao pateo, despedindo-nos com o seu... melhor sorriso.

Na taberna, o rumorejar de vozes, indicando o calor da discussão, e no palacete visinho as ultimas notas, em piano, do magistral concertante da *Sonambula*...

Decididamente, este *doutor Vieira*, tende a immortalisar-se...

A tourada

O programma tambem lhe chamava garraiada. Mas nem uma nem outra cousa, afinal. Espectaculos d'aquella ordem, sem alguem que vá para a arena, figurando só nomes diversos nos programmas que se não cumprem, e com que se illude o publico é que não pode continuar de forma alguma.

Não queremos prejudicar ninguem, mas tambem não queremos que o abuso chegue até onde tem ido, n'um crescendo que pode acabar mal.

Fomos comedidos no nossa apreciação feita á primeira corrida, por diversas razões que não encontramos agora e por isso mais claramente interpretamos a opinião publica, que lá mesmo muito e muito cathegoricamente, se pronunciou.

Fiquem com menos 10 ou 20 mil reis na importancia liquida, mas contratem alguem que ao menos vá para a praça e se esforce por conseguir qualquer cousa. Encostados á trincheira é que não pode ser.

De toda aquella *degringolade* salvou-se o cavalleiro, o sr. Manuel Padeiro, que nós applaudimos assim como ao Cecilio de Souza, que, como sempre, foi até além do que devia.

«Ao sr. dr. Affonso Costa não cessaremos de prestar homenagem e de lhe agradecer vivamente os seus serviços, prestados com uma abnegação que são o maior titulo de gloria do illustre professor.»

(*Do Povo de Aveiro* antes da sua apostasia).

NOTAS DA CARTEIRA

Já regressaram das praias onde passaram o mez de Setembro com suas familias, os srs. Alfredo de Lima Castro, D. Francisco d'Almada, Manoel Marques da Silva, dr. João Feio Soares d'Azevedo, Joaquim Fernandes Martins e Ignacio Marques da Cunha.

== Tambem regressou de Vizeu com sua esposa e filhinha, o sr. Antonio Lopes Matheus, digno tenente ajudante de infanteria 24.

== Acha-se em Aveiro, onde conta demorar-se alguns dias a repousar, o nosso patricio, sr. Sebastião da Trindade Salgueiro, empregado ha muitos annos na administração do Primeiro de Janeiro, *do Porto.*

== Depois de ter passado uma temporada em Luso, egualmente d'ali retirou, o sr. Antonio Marques d'Almeida, activo industrial.

== Está a veranear em Espinho acompanhado de sua esposa, o sr. dr. José d'Oliveira Salvador.

ABAIXO A SEITA NEGRA!

Os processos dos jesuitas

(*Continuação do numero anterior*)

CAPITULO X

Do rigor particular da disciplina na SOCIEDADE

1.º Deve expulsar-se, sob qualquer pretexto, por inimigo da *Sociedade*, sem ter em conta condição ou idade, ao que afaste os devotos e devotas das igrejas, ou do tracto com os nossos, ou ao que trabalhe para outras igrejas e religiosos, bem como o que dissuada algum homem opulento, bem disposto a favorecer a *Sociedade*. O mesmo se deve fazer com o que, ao dispôr dos seus bens manifeste mais affecto aos seus parentes que á *Sociedade*, porque isto prova que o seu espirito não está mortificado e é preciso que os professos o estejam por completo. Tambem será expulso o que dê aos seus parentes pobres as esmolas dos penitentes ou dos amigos da *Sociedade*. Para que se não queixem da causa da sua expulsão não se despedirão logo; primeiro impedir-se-hão de confessar, mortifical-os-hão, fatigando-os e fazendo-os desempenhar os trabalhos mais vis; obrigal-os-hão além d'isso, cada dia, a fazerem as cousas que mais lhes repugnarem. Afastal-os-hão dos estudos elevados e dos cargos honrosos; reprehendel-os-hão em capitulo e censuras publicas; excluil-os-hão das diversões e trato com estranhos; supprimir-se-lhes-ha em seus vestidos e no que usam tudo o que não seja absolutamente necessario, até que se aborreçam, murmurem e se impacientem; despedir-se-hão então como pessoa pouco soffredora e que póde ser perniciosa aos outros pelo seu mau exemplo. Se ha que dar conta aos parentes e aos prelados da Igreja, dos que foram expuls s, dir-se-ha que não houve meio de inocular-lhes o espirito da *Sociedade*.

2.º Dever-se-ha tambem expulsar os que tenham escrupulo de adquirir bens para a *Sociedade* e que sejam completamente dedicados ao seu proprio criterio. Se estes querem explicar a sua acção perante os provinciaes, não se devem ouvir, mas sim recordar-lhes a regra que obriga todos a obedecer cegamente.

3.º Desde o principio ha que considerar quem são os que sentem maior affecto pela *Sociedade*; e aos que se veja que o tem por outras ordens religiosas ou pelos pobres ou pelos seus parentes, considerar-se-hão inuteis e preparar-se-hão lentamente para expulsal-os do referido modo.

CAPITULO XI

De que modo procederão os nossos para com os expulsos da SOCIEDADE

1.º Como os expulsos saberão alguns dos nossos segredos, poderão prejudicar a *Companhia* e teremos que os prender da seguinte fórma: antes de os expulsarmos obrigal-os-hemos a prometterem por escripto e a jurar que não dirão nem escreverão nunca cousa alguma em prejuizo da *Companhia*. Os superiores conservarão, escriptas pelos mesmos culpados, as suas más inclinações, os seus defeitos e vicios confessados em descargo da sua consciencia, segundo o costume da *Sociedade*, e dos quaes, em caso de necessidade, os superiores se servirão, revelando-se aos grandes e aos prelados, para que os não elevem.

2.º A todos os collegios se deverá escrever immediatamente, annunciando-lhes as expulsões, exagerando as razões que as motivaram, particularmente a insubmissão do seu espirito, a desobediencia, a leviandade, etc., prevenindo a todos que não tenham relações com elles e fallem d'elles como estranhos, estando todos de accordo, dizendo em toda a parte que a *Sociedade* não expulsa pessoa alguma sem razões poderosas, bem como o mar arroja os cadaveres, segredando as causas que os tornem odiosos, para que a sua expulsão pareça plausivel.

3.º Nas exhortações domesticas tratarão de convencer todos de que os expulsos são individuos irrequietos, que quizeram voltar a *Sociedade*, exagerando os infortunios dos que pereceram miseravelmente por sahirem da *Sociedade*.

4.º Tambem temos que nos antecipar ás accusações que nos façam os expulsos, servindo-nos da auctoridade de pessoas graves, que digam que a *Sociedade* não expulsa pessoa alguma senão por gravissimos motivos, que não destróe os membros sãos, o que póde provar-se pelo zelo com que procura a salvação das almas dos que não são membros d'ella, e que pela mesma razão mais se preocupará da salvação dos seus.

5.º Em seguida a *Sociedade* deve prevenir e obrigar por todos os meios, aos grandes e prelados com quem os expulsos adquiram auctoridade ou credito, fazendo-lhes comprehender que o bem de uma ordem, tão celebre como util á Igreja, deve merecer-lhes mais consideração que um simples individuo, seja quem fôr. Se todavia conservarem ainda alguma affeição ao expulso, dir-lhes-hão as razões que motivaram a sua expulsão, exagerando-as, embora não sejam certas e comtanto que alcancem resultados.

6.º Por todos os modos ha que impedir que os que sahem por sua livre vontade da *Sociedade*, não adiantem em cargos ou dignidades na Igreja, logo que se não submettam ou deem quanto tenham á *Sociedade*, e que todo o mundo saiba que elles proprios quizeram voltar á mesma.

7.º Deve desde logo procurar-se que não alcancem cargos importantes na Igreja, como são as faculdades de prégar, confessar, publicar livros, etc., para evitar que attráiam a sympathia e o applauso do povo; para isto cumpre investigar mansamente a sua vida e costumes, as companhias que frequentam as suas occupações para o que será conveniente estabelecer relações com algumas pessoas da familia com que viverem depois de serem expulsos. Quando se descobrir algum facto indigno e censuravel na sua conducta, deverá divulgar-se por intermedio de individuos de baixa categoria para que chegue aos ouvidos dos grandes e dos prelados, favorecedores dos expulsos, afim de que estes os repudiem, temendo que a sua infamia recáia sobre elles. Se nada fizerem de censuravel e antes procedam honradamente, ha que attenuar, com subtilezas e palavras ambiguas, as virtudes e acções d'elles dignas de elogio, a fim de mingoar quanto possivel o affecto e confiança que inspirem, pois que importa muito á *Sociedade* que os expulsos e sobretudo os que voluntariámente a abandonam sejam completamente supprimidos.

8.º Ha que divulgar incessantemente os desastres que lhes succederem sem por isso deixarem de implorar para elles as lamurias dos devotos para que se não julgue que os nossos obram apaixonadamente; nas nossas casas porém ha que exagerar muito as desgraças dos que nos abandonam para suster os outros.

Continua.

HERMES DA FONSECA

A chegada a Lisboa do illustre cidadão eleito presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, foi estrondosa e enthusiasticamente recebida pela capital do reino.

O governo não perdeu occasião de exhibir uma das suas habilidades e ao desembarque, sequestrando ás manifesiações populares o seu hospede, levou-o a toda a velocidade do automovel para o palacio de Belem.

Mas ali, no dia seguinte, a população republicana da democratica cidade prestou ao illustre representante do povo brazileiro, a maior e mais commovente manifestação, na qual tomaram parte dezenas de milhares de pessoas.

E da varanda, onde commovido o marechal assestia, contemplando o maravilhoso espectaculo e ouvindo os vivas constantes e as palmas ruidosas, pronunciou as seguintes palavras:

«Legendario povo portuguez, honra da humanidade, fonte de onde brotou a minha patria, que é a nação brazileira: Eu vos agradeço, commovido, a enthusiastica, a imponente manifestação que me fazeis, e que se reflectirá no coração dos vossos filhos—os brazileiros. Eu vos agradeço enternecidamente este testemunho de amôr, de sympathia e de estima que acabaes de manifestar pelo meu paiz.

Viva a nação portugueza!»

As acclamações que coroam estas palavras não se descrevem. O presidente não consegue disfarçar a sua commoção. Ao lado, o tenente de cavallaria Torres Cruz, seu ajudante, tem os olhos marejados de lagrimas.

Por fim, para terminar a comovente scena, o illustre marechal começa a despedir-se com o chapeo e retira-se um pouco para dentro, para lhe serem apresentados os representantes da imprensa e lidas diversas mensagens de varias collectividades, no que dispendem mais d'uma hora.

A visita, porém, de tão honroso hospede, as festas e a alegria que, entre o povo portuguez e, especialmente ao partido republicano, causára a sua presença, foi perturbada com a lugubre tragedia no hospital de Rilhafolles, com os acontecimentos sanguinolentos que lhe seguem.

O marchal Hermes da Fonseca deveria retirar n a terça-feira com destino ao seu paiz, levando, por certo, no espirito, profundas e desencontradas impressões.

A' hora a que escrevemos, 6 da manhã, continua a não saber-se nada de positivo de Lisboa, que ainda se conserva isolada do resto do paiz pelo corte das linhas.

Ha, porém, quem affirme que a Republica foi implantada, reinando já completo socego.

O regimento do 24, que tem estado de prevenção e havia de sahir hoje pela manhã com destino desconhecido, conserva-se no quatel por virtude de contra ordem. A força de cavallaria que hontem partiu para Coimbra sob o commando do tenente Calheiros chegou áquella cidade, onde até hontem ás 8 horas da noite não havia a mais leve sombra de alteração da ordem, posto que os espiritos estejam exaltados.

Em Aveiro a anciedade é geral a avaliar pela enorme quantidade de gente, incluindo as auctoridades civis e militares, que á noite se juntam na estação, á hora dos comboios. Do Porto não se sabe ainda nada. Mas é natural que esta noite a revolução ali tivesse rebentado, secundando Lisboa.

Pelas ruas d'Aveiro juntam-se agora enormes magotes de populares que, com enthusiasmo entoam a "Marselheza,,. A bandeira do "Centro Republicano,, depois de ter estado dois dias a meio pau em signal de sentimento pela morte do dr. Bombarda encontra-se n'este momento no tôpo do mastro.

Reina grande enthusiasmo na cidade, vendo-se muita gente pelas ruas e janellas.

7 horas e meia

No centro da cidade, junto aos Arcos, começaram as manifestações, soltando os populares estridentes vivas á Republica, ao exercito e á marinha.

Dizem-nos que se vão dirigir ao quartel para acclamar o regimento de infanteria 24.

Saindo, como sae, este n.º do "Democrata,, com um dia de antecedencia, logo que se confirmem officialmente as noticias que damos debaixo de reserva, publicaremos tantos supplementos quantos sejam precisos para de tudo darmos conta aos nossos leitores.

E entretanto brademos:

VIVA A REPUBLICA PORTUGUEZA!

CORRESPONDENCIAS

Palhaça, 26

Não devo esperar mais para dizer alguma coisa a respeito da estrada districtal 102, que está em pessimo estado, intransitavel até, e do sr. Paulo de Barros, que não sei a capricho de quem se conserva em Aveiro como director das Obras Publicas.

Ante-hontem, vendo alguns carros de pedra calcarea descarregados aqui e além, perguntei a alguem que recebe ordens directas ou indirectas da direcção das obras publicas do districto:—com que então chegou a vez a esta desgraçada?!... Ao menos os barrancos maiores, sim?

— Qual carapuça! Dez metros, apenas!

Ha dias veio por aqui o Amador e de como a viu, deu ordem para se metterem 10 metros de pedra esta semana ao preço de 600 réis o metro. E isto é inteiramente impossivel, porque ninguem a vende com uma reducção tão grande. O menos porque ella aqui póde ficar é por 760 réis.

—Logo, ha uma má vontade de reparar a estrada, que de fórma alguma póde continuar assim?

—Não sei. Dez metros, que não chegam para nada!

N'este caso não sei qual dos dois é o mais responsavel no mau estado da estrada em questão. Vão ambos para a mesma esteira, director e Amador, porque vejo que ambos se entendem perfeitamente.

Quanto ao sr. Manuel Maria Amador, póde ser uma bella pessoa, cheia de boa vontade de ter as estradas bem conservadas, mas d'isso não dá nota, porque precisando a estrada, a que me refiro, de 1:500 metros de pedra, s. ex.ª só auctorisou 10 metros a 600 réis e eu ignoro a razão que levou o sr. Amador a fallar em 600 réis o carro, se já pagou, ou viu pagar a mesma pedra, que não é da melhor, a 700 e tal réis!

Aqui ha gato, com certeza.

E emquanto ao director das obras publicas, este sr. tem a direcção unica e simplesmente para receber o ordenado, pois passam-se annos que não vem vêr as estradas, e, segundo me informam, quando lhe dizem do mau estado d'esta ou d'aquella que precisa de reparo, responde que não ha dinheiro. Isto só do director das obras publicas de Aveiro, que é tão bom zelador do dinheiro do Estado, que não põe duvida em trazer no seu serviço um cantoneiro, a regar a relva e a quem faz a folha com dinheiro do Estado e ainda por cima destaca outros companheiros para fazer a limpeza no cantão d'esse beneficiado, que cégamente obedece ao seu superior sem se lembrar que lésa o Estado que lhe paga sem receber d'elle serviço algum.

Pratica d'estas proezas o director das obras publicas d'Aveiro, e é reu de outros commettimentos apontados em differentes jornaes sem que até hoje tenha respondido por todos esses abusos. E é talvez por tudo isso que o director das obras publicas, julgando-se em paiz conquistado, continua commettendo faltas sem se lembrar que um dia virá em que contas lhe serão pedidas, e então, com certeza, a bota custar-lhe-ha a descalçar...

* * *

O director das obras publicas se viesse á Palhaça vêr a estrada para onde foram auctorisados 10 metros de pedra pelo sr. Manuel Maria Amador, benzia-se meia duzia de vezes, e apesar de mau director e inimigo do seu districto, diria ao sr. Amador que a ordem de 10 metros de pedra a 600 réis, fôra um mau gosto, senão uma pouca vergonha d'aquelle seu subalterno.

Porque a estrada em questão está em tão pessimo estado que não chegarão para tapar só os barrancos 300 carros de pedra! A estrada a que me refiro, ficaria regular com 15 centimetros de pedra por cima da pouca que tem. Com este serviço a estrada ficaria em regulares condições de transito, podendo conservar-se se forem reparados os buracos que se vão abrindo.

Todos os annos vem para esta estrada alguma pedra, mas em tão más condições é empregada, que com o dinheiro alli gasto ninguem approveita. Que importa que se mande tapar os maiores buracos, se ficam outros abertos mais pequenos, que, devido ao muito transito, em pouco tempo se tórnam medonhos?

E', pois, gastar dinheiro sem proveito algum, e não resta duvida de que a estrada desapparece se não levar meia caixa, ao menos, ou ha-de estar sempre em condições intransitaveis.

Tenho de voltar ao assumpto, e portanto hoje limito-me ao que fica dito e a dizer ao director das obras publicas que a estrada da Palhaça ao Sobreiro, está tão bem conservada que o seu amigo Conde d'Agueda não se atreveu, ha dias, a passar com o seu automovel!

C.

Pinheiro, 2

Com effeito realisaram-se, como tinhamos noticiado, as festas em honra do S. Miguel.

A concorrencia foi extraordinaria este anno e as musicas portaram-se á altura, principalmente a de Angeja, que sob a habil regencia do sr. Lima soube nivelar-se em execução com a sua competidora, a de S. João de Loure.

Cabem justos louvores aos mordomos e ao sr. Antonio Rezende, grande proprietario d'aqui, que tomou á sua conta a despeza com uma das philarmonicas.

Os trabalhos da ornamentação das ruas devem-se na maior parte ao sr. Antonio de Brito, estimado e habil pharmaceutico, que foi incansavel para que as festas attingissem o brilho que revestiram.

Bem hajam os que trabalham pelo engrandecimento da terra.

C.

S. João de Loure, 27 de Setembro

Aqui ha mezes, os progressistas, deram como certo uma estação postal para esta freguezia chegando até a ser isso noticiado no *Seculo*, de Lisboa.

Cêdo, porém, se dissipou a esperança. O que elles desejavam era *pescar* votos e d'ahi o ficar tudo como d'antes.

São uns grandes sugeitos...

===Falleceu um filhinho do sr. Joaquim d'Oliveira sendo o seu funeral acompanhado pela musica velha.

===Teve logar no dia 25 o enlace matrimonial do filho da sr.ª Thereza Canastreira com a menina Margarida, filha da sr.ª Antonia do Lestriz, do visinho logar de Pinheiro. Aos noivos os nossos sincéros parabens.

===Entre Joaquim Melicias e o conhecido Francisco das Videiras houve ha dias uma larga discussão por causa d'uma torneira, chegando os dois a engalfinharem-se, ferindo-se.

Como esta é uma terra em que parece não haver auctoridade...

===Diz o sr. Mello que a demora em não terem dado ultimamente expediente á construcção do chafariz do Cruzeiro é devida a não haver canalisação especial no Porto e ter de ser encommendado na Alemanha.

Percebemos. O dia 28 de agosto já lá vai e até ahi faziam-se todas as diligencias por agradar a este povo, promettendo-se estradas e aqnedutos, chafariz, egrejas e capellas, mas agora...succede como succedeu com o paradão da viella da Coja: ha 3 annos ali o material a prejudicar algumas propriedades e a respeito de andar para deante a obra...nada.

Não, que então tambem se tratava de eleições, e...

Oh! sr. Mello por quem é tenha compaixão de nós!...

C.

HOSPEDARIA
=DE=
MARCELINO & BARROS
LARGO DA ESTAÇÃO
AVEIRO

ESTA antiga e conhecida casa que os seus novos proprietarios acabam de transformar por completo, introduzindo-lhe melhoramentos indispensaveis e de grande utilidade, é a unica que, junto á estação do caminho de ferro, offerece garantias de aceio e limpeza devendo por isso ser a preferida por todos os srs. passageiros que visitem esta cidade.

Os artigos de mercearia que expõe á venda em estabelecimento annexo são escolhidos entre os melhores o que os torna sobremodo procurados pelo publico que ainda tem a seu favor a modicidade de preços.

CAFÉ
Grande reducção de preços

A antiga e acreditada PADARIA MACEDO annuncia que, devido a um contracto feito ultimamente, acaba de reduzir os preços do CAFÉ que tem á venda como especialidade da casa, ficando a vender o que era de 720 réis o kilo a 600 e o de 560 a 500 réis.

Experimentem, pois, o CAFÉ da *Padaria Macedo* que é o melhor e mais barato que hoje se vende em Aveiro.

Photographia CARVALHO
Rua do Passeio Alegre, 27 e 29
ESPINHO

RETRATOS A **500 réis** A DUZIA

AMPLIAÇÕES INALTERAVEIS A **2$000 réis**

Execução dos mais modernos trabalhos photographicos. Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel, sobre porcellana e marfim, o que ha de mais moderno e artistico.

Retratos em esmalte, miniaturas para medalhas, perfeitas e inalteraveis.

Effeitos de luz, transformação de vestidos e penteados, etc., etc.

Officina mechanica de cartonagem photographica modelar.

Reproducções de qualquer retrato por mais deteriorado que seja o seu estado.

Filial em Aveiro
RUA DO GRAVITO 68.

"LÍMIA,,
Revista mensal illustrada de letras, sciencias e artes

colaborada pelos mais distinctos escritores e desenhistas portuguezes

Director....... *João da Rocha*
Redactores..... *(João Páris* / *(Fláudio Casto*
Secretário da red. *Alberto Meira*

Toda a colaboração é solicitada

Assignatura:—Série de 6 n.os (6 meses —320 réis (pelo correio).

ENDEREÇO:
LÍMIA— *Vianna do Castello*

Representante em Aveiro: Ex.mo Sr. *Maximo Junior.*

BIBLIOTHECA POPULAR SCIENTIFICO-SEXUAL
Collecção de 40 elegantes volumes de 80 a 96 paginas, ao preço de 100 rs.

Series de 4 volumes, lindamente encadernados, preço 500 rs.

OBRAS PUBLICADAS:

1.ª SÉRIE

I — **Luxuria e pederastia.**—Estudo medico-social.
II —**Amores lesbios.**—Actos secretos e vergonhosos entre mulheres.
III — **Prazeres solitarios.** —A masturbação e o onanismo suas causas e remedios.
IV — **Amor e segurança.**— Regras, preceitos e meios de se evitar a gravidez.

2.ª SÉRIE

V — **O acto breve.**—Erecção fugitiva, suas causas, consequencias e cura.
VI — **Amores sensuaes.**— Phisiologia do vicio no amor.
VII — **Hygiene sexual.**— Compendio de saude e formosura, para solteiras e casadas.
VIII — **O coração das mulheres.**—Arte de amar e ser feliz.

Todos os mezes serão publicados 2 volumes d'esta interessante bibliotheca de conhecimentos uteis e instructivos.

E' conveniente não confundir esta collecção com qualquer outra que appareça no mercado. Os pedidos de exemplares devem ser dirigidos directamente ao editor

FRANCISCO SILVA
LIVRARIA DO POVO
216-B—Rua de S. Bento—LISBOA

LIVRARIA UNIVERSAL
DE
João Vieira da Cunha
Rua Direita—(Em frente á Rua de Jesus)

Completo sortimento de livros em todos os generos: Litteratura, Theatro, Historia, Viagens, Sciencias, Legislação, Ensino, etc., etc.

Todas as novidades litterarias e scientificas.

Assignatura para todas as revistas nacionaes e estrangeiras.

Papelaria e artigos de escriptorio

Execução rapida de todas as encommendas.

Padaria Macedo
PRAÇA DO COMMERCIO
AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como artigos de mercearia que vende por preços excessivamente baratos.

Entre as differentes qualidades de pão que fabrica, conta-se o pão hespanhol, dôce, bijou, abiscoitado e para diabeticos.

Completo sortido de bolacha nacional.
CAFÉ, especialidade da casa.

AOS ESPIRITOS LIVRES

E. Kaeckel	
Os Enigmas do Universo	600
As Maravilhas da Vida	600
O Monismo	200
Origem do homem	300
Religião e Evolução	300
Historia da creação—no prélo	
F. F. Strauss	
Vida de Jesus, 2 volume	1.500
Antiga e nova fé, traducção completa—a do sahir prélo	400
Ernesto Renan	
Vida de Jesus	600
Os Apostolos	600
S. Paulo	700
Anti-Christo	600
Pedro A. Vianna	
Defeza do nacionalismo	600
José Caldas	
Os jezuitas	600
Heliodoro Salgado	
Culto da immaculada	700
Theophilo Braga	
Lendas Christãs	700
José Sampaio	
A Questão religiosa	800
A Ideia de Deus	800
A Dictadura	500
Guerra Junqueiro	
A Velhice do Padre Eterno	1$000
Patria	800
Finis Patria	300
A Victoria da França	100
Oração ao pão	120
Oração á luz	200
João Grave	
A Anarchia, fins e meios	700
Amadeu de Vasconcellos *(Mariotte)*	
Sciencia para todos, vol. a	200

Publicações de volumes de dois em dois mezes. O primeiro sahirá a 15 d'abril proximo, iniciado pelo livro—*Os Cometas*.

Envia-se gratis o catalogo geral completo a quem faça o pedido.

LIVRARIA CHARDRON
DE
LELLO & IRMÃO, editores
144, Rua das Carmelitas
PORTO

Aos srs. mestres d'obras e artistas

LIXAS em papel e em panno.

Recommendam-se as da **unica Fabrica Portugueza a Vapor** de **Aveiro,** de BRITO & C.ª

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

Pharmacia Ribeiro

DEPOSITO DE DIVERSOS PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

Aguas mineraes, naturaes do paiz e estrangeiro.

Fundas, Pessarios, Algalias, Mamadeiras, Suspensorios, Seringas de vidro e de metal, Borrachas, Insufladores, Bombas para tirar leite, artigos de pensos, sabonetes medicinaes, etc., etc.

Especialidades pharmaceuticas, nacionaes e estrangeiras, e muitos outros artigos com applicação medica e cirurgica.

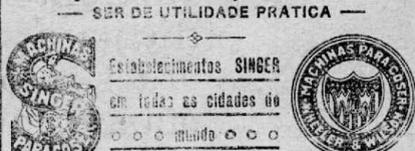
Aviamento de receituario feito com o maior escrupulo e promptidão a qualquer hora do dia ou da noite.

Unica pharmacia onde se prepara o verdadeiro remedio contra a ictericia, de tão maravilhosos effeitos.

Rua Direita—AVEIRO

A SUPREMACIA DA
MACHINA SINGER
tem sido sustentada e augmentada durante quarenta annos e na actualidade passam de
DOIS MILHÕES DE MACHINAS SINGER
as que se fabricam e vendem annualmente

A ULTIMA CREAÇÃO EM MACHINAS PARA COSER É A
SINGER "66,,

QUE REPRESENTA O RESULTADO DOS CONSTANTES ESFORÇOS EMPREGADOS DURANTE CINCOENTA ANNOS PARA MELHORAR AS MACHINAS PARA COSER, REUNINDO-LHES QUANTOS APERFEIÇOAMENTOS PODEM SER DE UTILIDADE PRATICA

Succursal em AVEIRO
AVENIDA BENTO DE MOURA

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO MODERNA

Director—RIBEIRO DE CARVALHO

"A Egreja e a Liberdade,,

Acaba de iniciar a sua publicação em Lisboa, sob a direcção de Ribeiro de Carvalho, uma *Bibliotheca de Educação Moderna*, destinada a fazer conhecer, em portuguez, as obras mais sensacionaes que forem apparecendo, em todos os paizes, sobre as questões politicas religiosas que estão transformando a actual organisação social.

E o livro com que foi inaugurada a Bibliotheca não podia ser de mais ruidoso exito. Trata-se de *A Egreja e a Liberdade*, ultima obra de Emilio Bossi, o famoso auctor do *Christo nunca existiu*, que tão grande voga teve entre nós.

O novo livro *A Egreja e a Liberdade*, agora traduzido em portuguez, é a historia das perseguições religiosas e da intolerancia sacerdotal, indo desde a Biblia até aos nossos dias—historia amassada em torrentes de sangue, em crueldades e morticinios tremendos. Commove-nos, quando narra as tragicas torturas da Inquisição. Enche nos de indignada surpreza, ao traçar o quadro da devassidão clerica na Roma dos Papas. Dá-nos uma ideia do que é a organisação da mais poderosa associação catholica, a Companhia de Jesus, quando nos mostra que foram os proprios jesuitas os auctores e mandatarios de varios regicidios, porque até o assassinio defendem e prégam, se é conveniente aos seus secretos interesses.

"Socialismo e Anarquismo,,

E' este o titulo do segundo volume da Bibliotheca. Constitue um estudo, completo e claro, ácerca d'estas duas doutrinas sociaes. Pederiamos d'ar-lhe os seguintes sub-titulos, porque todos esses assumptos são tratados no livro:

O que é o socialismo—A sua origem, os seus diversos systemas e doutrinas—O que querem os socialistas—A sociedade futura—A suppressão da miseria—A substituição dos exercitos e dos regimens penitenciarios—O casamento sem autorização paterna e sem a intervenção da Egreja ou do Estado—O amor livre—Como se pode pôr em pratica o socialismo e a religião—A marcha incessante para a revolução—A união de todos os revolucionarios—A propriedade e o trabalho—A constituição da familia e do ensino—O que é o Collectivismo—O que é o Communismo—O que será a sociedade no dia seguinte ao da Revolução Social—O socialismo catholico é uma burla—Os progressos do syndicalismo.

O que é o anarquismo—A sua origem e os seus diversos systemas—O que querem os anarchistas—Opiniões dos seus maiores escriptores—A liberdade integral, aspirações dos verdadeiros revolucionorios—O internacionalismo ou união de todos os povos—A evolução da ideia de patria—Os martyres do anarchismo—Os socialistas-anarquistas portuguezes—A Anarchia é o complemento do Socialismo.

Como se vê, o **Socialismo e Anarquismo**, segundo volume da *Bibliotheca de Educação Moderna*, é uma obra que estuda e esclarece aquellas duas doutrinas, tornando-se indispensavel a todas as pessoas que desejam instruir-se e que se interessam pelas modernas questões sociaes.

"Descendemos do macaco?,,

O terceiro volume é tambem um livro, interessantissimo, com este titulo: **Descendemos do macaco?**

N'elle se trata, com uma clareza maravilhosa, o problema da origem do homem. Na verdade, estas perguntas preoccupam todos os espiritos. De onde descendemos? Qual a nossa origem? Como appareceu sobre a terra o primeiro homem?

Desfeitas pela sciencia as ingenuas tradições espalhadas pelo Christianismo, foi preciso estudar o problema tão ruidosamente enunciado pelas theorias de Darwin. Foi assim que Denoy, um sabio illustre, explanou essas theorias, dando-nos um livro admiravel, claro e imparcial, cujo titulo é tambem uma pergunta: **Descendemos do macaco?**

Affirmou um outro sabio, não menos illustre, que é preferivel descender d'um macaco aperfeiçoado do que de um homem degenerado. Seja como fôr, este estudo é interessante e de um valor indiscutivel, pois a origem do homem decide do seu destino. De onde viemos? O que somos?

A estas perguntas, que devem torturar todo o homem consciente, responde o livro do sabio escriptor Denoy, agora traduzido para portuguez — livro cujo titulo suggestivo é este: **Descendemos do macaco?**

—(*)—

Preço de cada livro: brochado, **200** réis. Magnificamente encadernado em percalina, **300** réis.

A' venda em todas as livrarias. Remette-se, tambem, pelo correio, para todas as terras da provincia, Africa e Brazi. Pedidos á **Livraria Internacional**, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44—Lisboa.

OFFICINA DE SERRALHARIA MECHANICA
E
Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja
—DE—
Ricardo Mendes da Costa
Successor de **Domingos L. Valente de Almeida**
RUA DA CORREDOURA
AVEIRO

N'esta officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Deluidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das aguas.

SUPPLEMENTO AO N.º 138
DE

O DEMOCRATA

Orgão do Partido Republicano no districto de Aveiro

DIRECTOR — ARNALDO RIBEIRO

Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo

VIVA A REPUBLICA PORTUGUEZA

Apoz a lucta decidida e heroica nas ruas de Lisboa em que tomou parte o povo, o exercito e a marinha, foi, emfim, proclamada a Republica, hontem ás 11 horas da manhã, ficando o governo provisorio constituido pelos seguintes cidadãos:

Presidencia—Theophilo Braga
Interior—Antonio José d'Almeida
Justiça—Affonso Costa
Estrangeiros—Bernardino Machado
Guerra—Coronel Xavier Barreto
Marinha—Capitão de mar e guerra Azevedo Gomes
Fazenda—Bazilio Telles
Obras publicas—Antonio Luiz Gomes.

6---X---1910

No momento épicamente sublime e grandioso em que uma patria se redime; n'esta hora mais que solemne,—assombrosa—em que um povo se liberta, tudo quanto se possa dizer, não attinge, sequer, pallidamente, a grandiosidade d'essa paschoa feliz, que traz sentimentos á alma de todos, que não ha palavras para os dizer, nem phrases para os traduzir!

A Republica é um facto, n'esta querida patria, velho feudo da monarchia, vampiro que pretendia sómente abandonar este torrão sagrado, quando elle não fosse mais do que um vasto campo, deserto e secco.

A hora, porém, não é para recriminações! E' apenas para intima e profundissima alegria e satisfação de todo o povo portuguez, manifestada nos abraços fraternalmente trocados nas ruas e praças publicas e nas largrimas de viva admiração e homenagem por aquelles, que no seu posto, sacrificaram as suas vidas em holocausto ao novo regimen para esta nova patria que surge.

EM AVEIRO

A noticia official da proclamação da Republica é recebida com geral alvaroço por toda a cidade.

Ha enthusiasmo indiscriptivel que se manifesta estrondosamente nas ruas. Ao som da *Portugueza*, tocada por uma banda de musica, a população acclama delirantemente a Republica, o exercito e a armada, possuida d'um delirante e commuicativo enthusiasmo.

Em frente a esta redacção, onde os manifestantes passaram depois das 9 horas da manhã, houve grandes acclamações, repetindo-se em todas as ruas do tragecto até defronte do quartel de Infanteria 24, cuja officialidade se mostrou amavel e sorridente ao ser visada com estridentes vivas, largamente correspondidos pela massa popular, que de momento ia engrossando.

De regresso, os manifestantes dirigem-se á casa da camara d'onde é arrancada a corôa real e collocada, na sacada principal, a bandeira republicana, verde e encarnada. Na sala das sessões dão ingresso todos os manifestantes, que a enchem por completo, fallando por essa occasião, entre outros, o sr. dr. Mello Freitas, que apresenta os nomes do *comité republicano*, que hade, provisoriamente, superintender, n'este momento, em todos os assumptos que a mudança das instituições reclamem.

E' assim constituido:

Alfredo de Lima e Castro, Dr. André dos Reis, Eduardo de Pinho das Neves, Alberto Souto, José Marques d'Almeida, Padre Antonio Duarte Silva e Arnaldo Ribeiro.

O *comité* é recebido no meio d'um côro de acclemações, que se repetem ao ser apeado do logar d'honra o retrato do rei que ali se encontrava.

Os sinos da camara repicam festivamente.

Em seguida e por proposta do dr. André dos Reis é organisado de novo o cortejo que logo se põe a caminho do cemiterio em visita ás campas de Francisco Antonio de Moura e Sertorio Affonso, dois devotados propagandistas do ideal republicano e fundadores do Centro do alto da rua larga. Ahi fallam com eloquencia os srs. drs. André Reis e Mello Freitas e o director do *Democrata* que enaltecem as qualidades de caracter e as virtudes civicas d'esses devotados da ideia nova, invocando a sua memoria n'este dia de triumpho para as nossas hostes, de redempção para a patria portugueza pela qual tantas vezes sacrificaram os seus interesses e as suas commodidades.

A manifestação do cemiterio é das mais commovedoras e significativas a que temos assistido.

A' sahida, o povo que tem acompanhado a musica entoando tambem o hymno revolucionario, consagrado por occasião do 31 de Janeiro, volta a manifestar-se, soltando vivas á Liberdade, á Republica e ao exercito, indo em seguida dispersar defronte dos Paços do Concelho, onde se agloméra immensa gente vendo fluctuar ao vento a bandeira redemptora da Patria.

Por communicações recebidas n'esta redacção, os nossos correligionarios de todo o districto preparam-se para saudar a proclamação da Republica tendo já havido manifestações em varias partes, com musica e fogo.

A Aveiro teem chegado muitos republicanos, offerecendo a cidade um aspecto festivo e alegre. As officinas fecharam de manhã não abrindo mais durante o dia.

2 horas e meia da tarde.

Na Capitania do porto é içada a bandeira republicana na presença do digno e illustrado capitão do porto, que, fardado, ergue um vivá á Republica, estrondosa e unisonamente correspondido pelos numerosos assistentes, tocando a philarmonica *José Estevam*, a *Portugueza*.

O sr. Capitão do porto, commovido agradecé, e com voz vibrante, exclama: Duas palavras apenas. E n'um tom de grande enthusiasmo recommenda que todos sejam prudentes para que não se empane o brilho da grande victoria, a realisação do nosso Ideal!

Estas palavras foram cobertas de phreneticas palmas e enthusiasticos vivas. O dr. André dos Reis, relembrando a grandeza da nossa historia, onde se pode esculpir com todo o orgulho a revolução que produziu a Republica, péde que todos a engrandeçam com ordem e prudencia.

A philarmonica, percorrendo depois a cidade tambem aqui veio á nossa redacção saudar-nos, erguendo-se vivas á Patria, á Liberdade, á Republica, e ao *Democrata*.

CONFIRMAÇÃO OFFICIAL

Acaba de chegar a esta cidade o supplemento ao n.º 222 do DIARIO DO GOVERNO, que diz:

Ao Povo Portuguez

Hoje, 5 d'outubro de 1910, ás 11 horas da manhã foi proclamada a Republica de Portugal na sala nobre dos Paços do Municipio de Lisboa, depois de terminado o movimento da Revolução Nacional.

Constituiu-se immediatamente o governo provisorio.

Ao exercito e á marinha

O governo Provisorio da Republica portugueza sauda as forças de terra e mar que com o povo instituiram a Republica para felicidade da Patria, confia no patriotismo de todos. E porque a Republica para todos é feita, espera que os officiaes do exercito e da armada que não tomaram parte no movimento revolucionario se apresentou no quartel general a garantir pela sua honra a mais absoluta lealdade ao novo regime.

No entretanto, os revolucionarios devem guardar todas as suas posições para defesa e consolidação da Republica.

Lisboa, 5 de outubro de 1910.

Pelo Governo Provisorio,
Presidente— Theophilo Braga.

O Governo Provisorio da Republica Portugueza logo que assumiu o exercicio das suas funcções tomou todas as medidas necessarias para poder garantir a segurança do rei deposto e de sua familia na hypotese de que ao governo seja dado conhecimento do logar onde elles se encontram e da via maritima ou terrestre que escolhem para sair do territorio nacional.

UM TELEGRAMMA

Exm.º Ministro do Interior

Lisboa

Povo aveirense adheriu movimento republicano nomeando um "comité,, encarregado de se corresponder por agora com o Governo Provisorio. Eesse "comité,, entende de grande urgencia a substituição das auctoridades locaes para assegurar a confiança popular.

O Comité Republicano Aveirense.

A' entrada dos Paços do Concelho e em differentes locaes da cidade, foi affixada a seguinte nota:

Em virtude de communicação do Ex.º Ministro do Interior, Antonio José d'Almeida, faço constar ao publico que a Republica foi proclamada em Lisboa.

(a) Aristides Lobo.
Director do correio

A' ultima hora

Porto, 6 ás 4 e 40 t.

Democrata—Aveiro

Içada bandeira Camara. Todos corpos adheriram. Enthusiasmo indiscriptivel.

Brito